

A EM EXIBIÇÃO nossa necessidade de tensão é possível de satisfazer

(IN)TENSION
Showcase Susana Rocha
Galeria NAVE
10 março — 22 abril 2022

por João Reis

DA ESQUERDA PARA A DIREITA:
I only dream when I'm awake #1, 2021
Chapa de aço zincor quinada e pintada
79 × 65 × 3,5 cm

A Matter of Perspective #2, 2022
Ferro e tinta acrílica
50 × 60 × 1,2 cm



“Começo sempre por uma ideia, conceito, confronto... com raiz numa experiência pessoal”, conta Susana Rocha, já depois de nos ter mostrado as suas obras. Efetivamente, a noção de começar uma obra sempre esteve ligada ao surgimento de uma ideia ou de um conceito, até aqui nada de novo. É, no entanto, o confronto e intimidade que as suas obras possuem que desbloqueiam toda a sua prática.

Tendo realizado exposições individuais desde 2012 e integrando exposições coletivas desde 2010, Susana Rocha tem um vasto currículo que inclui, por exemplo, a fundação e direção artística da DUPLEX, onde conduz e produz a sua programação. Com um longo percurso académico — é professora, investigadora e doutorada pela Faculdade de Belas-Artes de Lisboa e a sua formação foi, durante vários anos, em pintura.

Porém, não é, ao entrar na Galeria Nave para a mostra de trabalhos (IN)TENSION, pintura, ou sequer um trabalho que ilustre uma longa experiência na academia, aquilo que vamos ver. Instalação, escultura, ou qualquer coisa remetente à necessidade de transportar e aproximar a matéria do observador seriam boas alternativas. Para si, esta transição da pintura para um trabalho mais tridimensional foi “natural, apenas no sentido em que foi necessária. Mas foi também radical e em nada gradual.”

Tudo isto se poderia somar para uma reflexão sobre a hiperatividade profissional da artista se relacionar com a ideia de confronto e tensão no seu trabalho, mas na verdade o seu processo de criação é bastante projetual e lógico. Susana Rocha conta-nos que existiram dois aspetos que a levaram a um confronto com a pintura, por um lado “a dificuldade em comunicar determinados

conceitos através da produção pictórica”, por outro uma falta de “controlo projetual” — de certa forma, uma perspetiva fresca e positiva sobre a criação artística e, especialmente, sobre a pintura. E se é certo que a pintura, nos últimos anos, voltou a ter um peso enorme naquilo que são as exposições de arte contemporânea, menos certo é que alguém com uma formação artística tão específica se tenha, de algum modo, afastado da representação pictórica de uma maneira tão certa.

Chegamos assim a esta mostra de trabalhos. Não a “esta exposição”, mas a uma mostra. Isto porque o que encontramos na Galeria Nave é um exercício retrospectivo dos últimos anos de trabalho de Susana Rocha. De 2018 a 2022, o seu trabalho debruçou-se sobre diferentes temas, do paradoxo à perturbação de sono ou ao fracasso, as obras que encontramos são artefactos de diferentes dimensões que povoam a galeria e dialogam eficazmente uns com uns outros ao mesmo tempo que mantém uma individualidade quase solitária, nunca perdendo a sua autonomia.

A madeira, o ferro, ou o aço coabitam com bolas insufláveis, esponja insonorizadora e cintas de transporte, e alguns materiais unem-se para criar objetos peculiares, como *Niche Pressure*, onde duas bolas insufláveis são apertadas, ao que nos parece, até um ponto de quase explosão.

As obras de Susana Rocha obrigam-nos a circundá-las, dar um passo em frente, depois voltar atrás, hesitar, tornar a olhar; existe uma necessidade de percorrer cada obra que não se cinge à visão e incumbe todo o corpo a mover-se. Os dois trabalhos que encontramos no chão da galeria são de uma solenidade silenciosa e fazem-nos questionar se estarão realmente pousados ou se de alguma forma flutuam a poucos centímetros dos nossos pés enquanto refletem uma luz laranja intensa; os dois quadros que encontramos em paredes opostas apesar de não terem uma tela para mostrar, obrigam-nos a perspetiva-los de maneira diferente, encontrando dentro de cada aresta ou vértice, várias cores pintadas sobre ferro; uma chapa de aço encostada à parede que novamente reflete uma luz laranja acorda-nos para um desconforto sobre um “outro lado”.

Estes trabalhos transformam-se em extrapolações das relações de tensão do dia-a-dia: a insónia através de uma luz que não passa de um reflexo de uma tinta acrílica numa superfície, mas que insiste em perturbar o espectador, a leveza contrastante da espuma →